

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

O carisma
de Fátima
e a teologia
islâmica

PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.
LISBOA

O carisma
de Fátima
e a teologia
islâmica

bibRIA

bibRIA

bibRIA

bibRIA

Os direitos de autor desta edição destinam-se à obra *Islamo-cristã da construção em Damasco do Santuário-Escola de N. S. de Fátima*, a inaugurar brevemente sob a égide de Mons. Abdulla Rahal, Vigário-Geral da arquidiocese sírio-católica da mesma cidade.

bibRIA

O CARISMA DE FÁTIMA
E A TEOLOGIA ISLÂMICA

DO AUTOR

Poesia

BODAS HELÉNICAS
JARDIM DAS CARÍCIAS, esg.
CAMINHO DE SIEGFRIED, esg.
TU E O TEU CORPO, esg.
TRÓPICO DE CÂNCER
TRAJECTÓRIA SEM FIM

Prosa

EPOPEIA MALDITA, esg.
LEGENDA DOLOROSA DO SOLDADO DESCONHECIDO
DE AFRICA, esg.
VOLÚPIA DO MAR, esg.
O DITADOR, esg.
ALMA ENCANTADORA DO CHIADO, esg.
DISCURSO À GERAÇÃO LUSITANA, esg.
VIDA VOLUPTUOSA, esg.
SORTILÉGIO SENEGALÊS
COLÓQUIO COM A MORTE, esg.
NOTÍCIAS DE ANTO E DE PURINHA
O PRIMEIRO DIA DO HOMEM FORA DO PARAÍSO
SEVILHA, NOIVA DE PORTUGAL
DOCE FRANÇA
ESCANDALOSAMENTE PURA
NONO, NÃO DESEJAR A MULHER DO PRÓXIMO

Em espanhol

ITINERARIO DE LOS PORTUGUESES EN SEVILLA, esg.
BALADAS DE SEVILLA EN PRIMAVERA, esg.

ANTÓNIO DE CÉRTIMA

O CARISMA DE FÁTIMA
E A
TEOLOGIA ISLÂMICA

bibRIA

(UMA POSIÇÃO SOBRE A CRENÇA)



PARCERIA A. M. PEREIRA, LDA.

LISBOA

ARTÍCULO DE CÉRTIMA

IN 1911

O-CARISMA DE FATIMA

E A

TEOLOGIA ISLÂMICA

bibRIA



TAREAL & MANTERA LDA

LIBRERIA

«Je pense comme vous qu'il y a là un signe de rapprochement spirituel de valeur insigne, nettement prémonitoire. Mes recherches d'islamisant et mes missions en Orient, notamment en Irak et en Perse, m'ont mis en présence d'une dévotion musulmane, chez les hommes surtout, où Fatima, la fille du Prophète, est une figure de la Vierge Marie. J'ai déjà publié un opuscule à ce sujet à Paris et deux autres sont sous presse, l'un à Cambridge (en anglais), l'autre à Rome.

Louis MASSIGNON

(De uma carta ao autor)

bibRIA

*«Os Anjos disseram:
Ó Maria! Deus te es-
colheu e purificou. Ele
te elegeu sobre todas
as mulheres deste
mundo. CORÃO, III,
37-42.*

*«Como Jesus no hinário
do Todo Poderoso, eu
disse: Eu sou a Verdade
(Ana'l-Haqq).*

*H. M. HALLAJ,
condenado
como Jesus,
foi crucifi-
cado pelo povo
de Bagdad, no
ano 300 da
Hégira, em
consequência
da sua fide-
lidade a Deus.*

bibRIA

I N T R O D U Ç Ã O

bibRIA

INTERNATIONAL

bibRIA

A história e o tempo, eliminando a realidade aparente, comportam-se quase sempre como irmãos inimigos e contraditórios. Nega, um, o que o outro se aposta em erigir em irreversível dialéctica. E na memória do homem, pouco atento a este jogo de antinomias, abre-se uma cisão que se opõe às elucubrações da razão lógica.

Desta sorte, o resultado inconsequente de muitos factos de proeminência válida poderá explicar-se pela omissão da sua inserção simultânea nas paralelas do fenómeno. E quando assim é no plano da temporalidade, se passarmos ao exemplo dos ventos puramente espirituais ou marcados por uma interioridade transcendente, o apelo contínuo às razões probatórias torna a irregularidade ainda mais assomante.

Vem este exórdio a propósito de um acontecimento de incomparável significado e excepcionalidade para o intra-destino religioso do universo terrestre: o da revelação marial de Fátima. E porque esta se apresenta inscrita na efeméride do seu próximo quinquagésimo

ano carismático, daqui a minha interferência através de alguns alegados coincidentes.

Já numas notas publicadas em adenda ao congresso reunido em Lisboa (1952) para examinar o problema das revelações que implica a Mensagem (pública e secreta) da Cova da Iria, intentei circunstanciar as surpreendentes convergências islamo-cristãs insertas na simbologia das Aparições. E foi precisamente no decorrer de uma das sessões daquele mesmo congresso, que uma voz se levantou a apontar à assembleia a imponente significação do facto celeste: «Não foi sem motivo que Maria, para se mostrar ao Mundo, elegeu um lugar chamado Fátima.»

Desconheço o interesse que o esoterismo espectante desta alusão tenha podido despertar entre os assistentes. Não quis então, como de novo aqui o consigno, deixar de manifestar a minha adesão ao homem que, indubitavelmente, vindo de deduções clarividentes,

fez convergir as preocupações filosóficas da sua catolicidade sobre um ponto crucial que pode revestir-se da mais alta importância para o futuro religioso do orbe.

Em Portugal, são decerto escassos os espíritos que concederão qualquer resquício dos seus lazes a um assunto tão intemporal. Primeiramente, porque a natureza do tema só no isolamento dalguma cela monástica, onde as horas se sublimam na febre do estudo e meditação, poderá encontrar ressonância; em segundo lugar, devido à comunidade e ao idioma a que a mesma questão está ligada. A nossa orgulhosa cultura, tanto por nativa indolência como por um furor ortodoxo — embora sem extensivas convicções —, tem-se negado sistematicamente ao contacto com o fecundo manancial do pensamento islâmico. É evidente que esta espécie de isolacionismo intelectual se deve, em princípio, à própria ética da nossa vida histórica: talhado, em grande parte, o perfil geográfico da nacionalidade no corpo vivo das populações árabo-mouriscas que ocupavam os territórios do Sul, criámos para com o expulso,

o «infiel», uma moral hostil e depreciativa de tetrarcas rompantes que nos fechou por longos séculos os horizontes ao estudo da maneira de ser, de sentir e de pensar de uma civilização de alta antiguidade e transportadora de culturas.

No entanto, apesar da nossa hostilidade, e dos nossos escrúpulos religiosos, não deixámos de beneficiar da irradiação do pensamento árabe na península. Bastará lembrar os nomes culminantes dos nativos Averróis, Avicena, Ibne Arabi, o cordovês Ibne Hazm e Abu Bécere, de Évora, como agentes de um alto espírito criador no domínio da filosofia, da ciência e da literatura. Esta irradiação reflectiu-se depois nos grandes mestres da igreja medieval, desde os bispos e teólogos do centro erudito de Toledo até à obra densa e enciclopédica do maiorquino Ramón Lull e do apologeta catalão Raimundo Martin, sem esquecer, entre outras eminências do principado romano, o nosso famoso Pedro Hispano — Papa João XXI. Tenhamos presente que a filosofia aristotélica entrou em discussão nos países

do Ocidente graças ao esforço destes e outros servidores do apostolado cristão, que, por sua vez, a hauriam nas fontes universitárias do Cairo ou Damasco, e ainda nas cátedras das cidades árabes da Espanha, como Toledo, Córdova e Sevilha, e na Sicília. Em Córdova, por exemplo, a monarquia dos Omíadas, subsistindo através das pompas do califado ali homiziado, difundia com prodigalidade os requintes de uma sabedoria adquirida nas suas origens orientais. Enfim, a igreja do Ocidente, separada das fontes gregas do seu verbo pela interposição do mundo romano, àqueles contactos vinha receber do Islame algumas achegas iluminativas que lhe importava conhecer.

Mas voltando ao objecto daquelas notas a que atrás me referi, quero dizer que, no seu contexto, me propus abordar o significado do nexus decorrente desta junção inesperada de um topónimo local com o onomástico trans-histórico da filha proeminente do Grande Con-

dutor do povo agareno para o culto de uma religião unimórfica e monoteísta. A casualidade é perturbante e leva à reflexão: Fátima, receptadora carnal das vocações do Profeta, e Fátima, obscuro étimo geográfico, perdido nos barrocais agora insignes da comarca de Ourém. Não especulemos muito, pois fácil nos é concluir que um aviso clamoroso do Sobrenatural, pondo em emergência a indispensabilidade da aproximação entre os dois cultos teocráticos, está à vista de todos os homens.

Posteriormente, uma voz com proventência na comunidade norte-americana — que, no seu crescimento religioso, parece querer retomar a curiosidade primitiva acerca do pensamento cristológico —, a de monsenhor Fulton-Sheen, bispo auxiliar de Nova Iorque, penetrou mais fundo no mistério do problema, resumindo-o no acerto deste díptico comparativo: «Como Ester foi uma figura de Maria para Israel, também Fátima pode ser uma (nova) figura de Maria para o Islame».

A apreensão do sentido destas palavras exige um prévio e lato conhecimento dos títulos de personalização que, no dogma corânico, adquiriu o nome matriarcal de Fátima (proveniente do coraixita Fatmah e, este, de Fatam: libertar). Nome de mulher forte e mártir, a quem o pensamento religioso dos muçulmanos atribui um papel messiânico de libertadora das punições celestes. Como nas prerrogativas extra-humanas da hiperdulia de Maryam, a Theotokos, consignadas no contexto do Corão, uma idolatria mística se ergue até Fátima, discernindo nela três privilégios sacralizantes: o de intercedora justiceira no Julgamento Final; o de rainha das mulheres e rainha do Mundo; e, finalmente, o de ser considerada Emanação Divina (Massignon: Les mardis de Dar El-Salam).

É esta, por conseguinte, a grande figura feminina da ortodoxia sagrada do povo islâmico, a quem Maria — Nossa Senhora do Céu — quis decerto conceder um sinal de complacência através do acto teofânico da Sua presença na Cova da Iria.

Mas para os menos versados na fenomenologia religiosa das comunidades muçulmanas, esta ambivalência teológica (pacto para uma nova Aliança?), ligada ao locus deificado de Fátima, terra de Promessa, não suscitará qualquer meditação coordenativa especial, não sendo por certo numerosos aqueles que saberão colocá-la dentro do registo histórico e escatológico a que parece pertencer.

Indícios obsediantes nos induzem, com efeito, a pensar que a nossa época esteja no limiar de espantosas catástrofes planetárias. O homem, abrasado de orgulho mas trespassado de carências, crendo ter subjulgado o poder mágico da natureza e reconhecendo-se vítima dos desvios da sua capacidade, num estúpido desafio contra Deus, voltará a satisfazer a sua sede na rocha primitiva de Horebe. Antecipando-se às flechas terríveis e anunciadoras de Patmos? (tempus enim prope est; JOÃO, XXII, 10). Mas o advento da unidade intercedora de Maryam e Fatmah poderá impedir ou modificar pela força votiva da hiperdulia o cataclismo

cósmico. Há uma verdade selada no fundo de cada espírito que nenhuma inteligência filosófica tem capacidade para descobrir. Vingança do que é contra aquilo que o homem pretende ser.

Apesar do avanço realizado no domínio das limitações aceites como inamovíveis, o mundo, aumentando em experiências espectaculares, perde em força e realidade intrínsecas. Entra-se num deslumbramento de actividades negativas, episódicas. E surge o medo e a vitória. E também o cepticismo e a náusea — uma náusea consciencializada, que vai do desespero kierkegaardiano até às decepções mais profundas das sociedades políticas actuais.

Este estado «de choque» da alma humana em desconcerto com as leis supra-terrestres, conduz à ideia de uma mediação providencial em que Maria, na irmandade de Fátima, poderá elevar-se ao apogeu teofânico das suas graças, renovando o conteúdo prodigalizador das primitivas alianças estabelecidas com Abraão, Noé, Moisés, Isaac e Jacob, até Jesus. Por isso, como em

todos os momentos de perdição universal, a cordialidade de Deus insinua-se como prestes a manifestar-se, conforme os augúrios redentoriais insertos, in terra, no acontecimento sobrenatural da Cova da Iria. E a dualidade das intervenções carrega-se de um sentido comprovativo da unicidade divina no conceito religioso das duas comunidades árabo-cristãs.

bibRIA

As páginas que vão seguir-se reflectem, por conseguinte, a preocupação metafísica de um espírito ligado ao problema dessa unicidade por circunstâncias que revalidam a particularidade da doutrina a que o mesmo se votou. Com efeito, colocado por uma vontade invencível nos convincentes caminhos da experiência pessoal, um conjunto de factos resultantes de contactos porfiados com o mundo maometano, esclarecidos pelo estudo da dogmática, ora indicativa, ora derro-

tante, do Livro Sagrado dos muçulmanos, radicou em mim um conceito inabalável acerca da coexistência dessas duas realidades transcendentis.

(«Ó Filhos de Israel, lembrai-vos das graças com que Eu vos tenho cumulado! Guardai fielmente o Meu pacto e Eu mantereí o vosso. Mas temeí-Me! Crede no que Eu revelei ao novo Profeta, e que confirma a veracidade das mensagens que já possuíis! Não sejais os primeiros a ser incrédulos desta nova mensagem! Não queirais corromper a minha doutrina em troca de um fraco preço» CORÃO, II, 38-41.)

Dentro dessas mesmas realidades e, certamente, animado pelo seu pressentido impulso revelador, não quero desaproveitar a oportunidade dos actos de ritualidade evocativa da «descida» de Maria ao burgo onomástico da filha de Mohâmade para alinhar este escorço de doutrinação que envolve certas determinantes do destino do homem a caminho do seu Ponto Final.

Ora, para mais capazmente cumprir este propósito, eu amaria servir-me não da palavra ou da sua forja obscura, mas de um ferro candente para, ante um mundo que parece agonizar entre fanfarras de vitória e os desesperos de um agnosticismo pedante, fazer penetrar em todos os orgulhosos e indiferentes a queimadura da verdade dos dois dogmas orantes, que assim vocalizam o júbilo do seu povo:

Benedicite noctes et dies Domino; laudate et superexaltate eum in sæcula. ¹

Bismil-lah — Arraman — Arraím. ²

¹ Noites e dias, bendizei o Senhor; louvai-o e exaltai-o sobre todas as coisas por todos os séculos. *Daniel, III, 71.*

² Em nome de Deus, o Benfeitor Misericordioso! *Fórmula da liturgia islâmica.*

APARECIMENTO DO ISLAME

NO coração do homem, Deus existe e subsiste em permanência, inscrito ali antes do princípio de todas as coisas. Mais tarde, no dizer de Santo Agostinho, o homem foi um ser único que, com o advento do extra-Homem da Crucificação, participou da divindade do Verbo sem que se alterasse a essência real da sua humanidade. Mas o homem como unidade participante do antropomorfismo animal, desintegra-se muitas vezes do princípio divino para isolar-se no seu corpo físico, pretendendo ignorar as relações deste com as forças espirituais e criativas do universo em que está colocado e onde ele reflecte o prodígio da benignidade do Pai que, na sua glória *in excelsis*, o forjou e consagrou à sua «imagem e semelhança». Uma tal veleidade desnaturalizante não o impede, aliás, das suas rela-

ções com o Verbo, o qual nele infunde o princípio regenerador das anti-trevas e condiciona o seu *initium* como condicionará o seu fim (*Et lux in tenebris lucet, et tenebrae eam non comprehenderunt*. JOÃO, I, 5).

Ora, falando de Deus, falamos da alma humana, e esta conduz imediatamente o homem à sede voraz de uma doutrina esclarecedora do problema esotérico do «existir», aos imperativos de uma escalada para a matriz dos mundos hiper-físicos dos espaços sem tempo. Desta busca do homem isolado na Natureza, interrogativo, temeroso, nasceu uma ansiedade religiosa, o instinto de um culto, o agente pitagórico ou délfico da Revelação.

Digo Revelação não no sentido teofânico, expresso nas alianças da Divindade, a que se referem os livros históricos do Hebraísmo, mas no da necessidade dilacerante experimentada pelas primeiras civilizações progressivas de saírem do círculo fechado das suas preocupações materiais para o conhecimento do destino superior e misterioso que as conduzia. É melhor definir: para o conhecimento daquela Divindade, embora suscitado por vias opostas, não por uma decisão espontânea de Deus para com o cosmos mas partindo do cosmos para as alturas profundas do Supremo Criador. Assim, nas diversas mitologias ligadas à religião dos primeiros povos cultos, todas as suas formas e fórmulas rituais não passavam de meios de expressão de um sacralismo colectivo que era intrínseca-

mente um pressentimento, um apelo, uma adivinhação de Deus.

Procura-se uma mensagem, espera-se uma mensagem. Todos os homens se movem perscrutando os silêncios, as alturas, os astros, o germe das forças naturais. No fundo das almas, uma súplica bárbara, um desejo, uma predição inconsciente. Na Suméria, na Índia, entre os Hititas, o mesmo impulso secreto faz levantar para o alto os olhos dos guerreiros, dos sacerdotes, dos magos, na esperança de uma revelação sobrenatural. Surge a Grécia de Demeter — a *mater* fecunda — e do divino Orfeu — o inspirado mediador das pressentidas realidades celestes —, do culto solar de Apolo e dos mistérios de Elêusis, a depositária da metafísica da Ásia e da ciência teosófica do Egípto, e a prodigiosa efervescência do seu espírito pagão é bem um clamor (disfarçado em beleza e idolatrias estéticas) à procura de Deus. Em seguida aparece Sócrates com o arrojo e o esplendor da sua dialéctica, perturbando os fundamentos morais da república ateniense ao proclamar a verdade do espírito sobre a falsidade dos mitos tradicionais. Era o «divino» a iluminar a visão do filósofo. Depois Platão, mais subtil, mais mundano, inverte o sortilégio das colunas da Acrópole, à sombra da qual nasceu, para continuar a doutrina da imortalidade da alma e derramá-la no coração dos discípulos. O seu *Idealismo* é já um santuário da crença teológica.

Com a queda dos mistérios de Elêusis e Samotrácia, caladas as vozes das sacerdotisas nos grandes oráculos e templos, o crepúsculo de Pan ia descer sobre a terra. Nas trevas sepultava-se o poder das erradas cosmogonias. Falência do homem como «coisa» humana? Não. Falência do humano com relação ao espírito.

Roma, urbe de predestinação, levantaria o exército dos seus Césares no horizonte político da Hélade vencida. E com o aparecimento, no palco dos povos, da cidade da Loba Augusta — conquistadora à medida universal —, um grupo de tribos escorraçadas, afastadas, na sua origem, da génese de nações pelas palavras imprecatórias de Moisés (*Audite caeli quae loquor, audiat terra verba oris mei.* DEUT., XXXII, 1), antes da sua condenação pelas responsabilidades na morte de Jesus, assinalaria a sua reaparição: a comunidade dispersa de Israel.

Regressemos agora à criação do Povo de Deus. Abraão, acompanhado de Tareh, seu pai, de sua mulher Sarai e de seu sobrinho, filho de Lot, abandona Ur dos Caldeus, na Babilónia, e sobe pelo vale do Eufrates até Harão, no noroeste da Mesopotâmia, onde se fixou até à morte de seu progenitor. Tomou depois as planuras verdejantes de Sichem, lugar santo, e entrou em pleno país dos Cananeus — a Terra Prometida (*Deixa o teu país, os teus parentes e a casa de teu pai pelo país que eu te indicarei. Eu farei de ti um grande povo; eu te abençoarei, e exaltarei o teu nome, o qual, para todos os*

povos, servirá de bênção. GÉN., XII, 1-2). Estas marchas — devemos notá-lo — parecem conter já um forte significado acerca do futuro movimento migratório imposto *in aeternum* à raça judaica.

Com os dois filhos de Abraão iniciaram-se as duas progenituras aparentemente irreductíveis na maldição que parecia separá-las mas, no fundo secreto das Promessas, unidas no mesmo destino genesíaco de engendadores de povos, de tribos, de raças, de nações. Ismael, filho de escrava (a egípcia Agar), ficaria marcado com a sujeição a um acto de amor desejado, carnal, forte na sua rebeldia sanguínea de bastardo e, por isso mesmo, considerando-se mais pertinazmente integrado no cerne paterno. Sobre o destino de este, Deus tranquiliza Abraão: *Eu o abençoo, torná-lo-ei fecundo, será pai de doze príncipes e fá-lo-ei chefe de uma grande nação* (GÉN., XVII, 20). Quanto a Isaac (Jisahac, riso de júbilo), objecto fulminante e exclusivo das alianças já realizadas ou em perspectiva, o seu aparecimento de predestinado traz consigo os indícios de uma origem em que os signos do espírito se antepõem aos da carne. O Verbo lançava as suas vergôntes. Pela força imutável da Graça, Isaac ia tornar-se o tronco sacerdotal do futuro universo religioso, o pai dos judeus. Por seu lado, Ismael, expulso das tendas de Abraão e salvo da morte pela sede junto do jorro milagroso de Zam-Zam, iria projectar sobre a inhospitabilidade dos areais escaldadiços, a grande famí-

lia errante dos povos do Deserto. E entre estes, sob o arco do chamado Crescente Fértil, os da Arábia.

A nação do Islame tinha nascido. De Ismael, na linha de seu filho Kedar, após vinte e cinco gerações de tribos nómadas peregrinando em volta da pedra negra da Kaaba, uma criança¹ aparece sobre a terra — carregada de destino, realizando um voto secreto

¹ Vale a pena fixar aqui as condições em que a tradição árabe se refere ao nascimento do Profeta.

Entre os grupos de sedentários que, sentados em volta da Kaaba, rezam, traficam e dão conselhos de justiça, Abd El-Motaleb é um justo e um pródigo. A sua riqueza será a prole abundante que ambiciona possuir. Promete a Alah que, se vier a ser pai de doze varões, um deles Lhe será sacrificado. Foi ouvida a supplica. Como succedeu antes no Monte Moriah, El-Motaleb, junto da pedra de Abraão, levanta a espada sobre o pescoço do jovem Abdalah, prestes a realizar o holocausto. Mas a voz de Deus intervém: «Suspende: o sangue de cem camelos pagará o sangue de teu filho».

Abdalah cresce, torna-se notado pela sua extrema beleza varonil. Casado com Amina, é procurado por Fátima, também de extrema beleza, que o solicita a ir nessa noite a sua casa em troca de uma oferta de cem camelos. Fátima explicará depois a ousadia do seu acto com estas palavras surpreendentes: «Não posso nem quero censurar-me pelo que fiz. Vi sobre o teu rosto uma luz maravilhosa e o meu coração disse-me que um grande profeta nascerá de ti. Eu quis ser a mãe desse profeta».

É para notar o aparecimento, nos ascendentes imediatos de Mohâmade, do nome de Fátima, que mais tarde se repete no da sua filha mais amada, portadora de augúrios especiais.

de Alah. (Decorria o ano 576 da nossa era). O seu progenitor, Abdalah, escolhido entre os onze irmãos deste por um voto dirigido a Deus, esteve para ser sacrificado, imitando o exemplo de Isaac, por seu pai Abd El-Motaleb, homem bom de Meca. O seu nome é Mohâmade. Crescendo já dentro de um espírito de «missão», é ele que vai animar com o seu ardor de jovem Profeta os centenares de tribos que cruzam os caminhos das caravanas ou lutam, famélicas, contra a pobreza estéril dos aduares, fazendo delas — vigorosas, místicas, combativas — o Terceiro Povo de Deus.

bibRIA

bibRIA

II

O HOMEM E DEUS

A terra, onde o homem era o fenómeno físico mais extraordinário, sentia o desastre da sua realidade multiforme perante a ineficácia que aquele revelava de não poder jugular as forças super-naturais. Tudo o que a natureza lhe dava não obtinha compensação no que dele recebia; sobretudo esta, guiada por um *instinto* espiritual, apercebia-se de que os fundamentos da sua imobilidade e desenvolvimento não provinham dele. Por isso, o vulto do homem na humanidade, não obstante o seu orgulho de escapar às formas das criaturas inferiores do cosmos, era um espantinho exasperante. A terra tinha vontade de infinito. E colocada entre Deus e o homem, a natureza procurava Deus. Elohim acede a conversar com o homem. O Espírito que, no *fiat mundi*, «andou sobre as águas», desce à

terra, a responder àquela vontade. A Sua presença, revelada através de diversas manifestações teofânicas, é um acto complementar (um *plus valia* celeste) junto da obra criada, atribuindo a esta o selo da autenticidade divina. A maneira do construtor que vigia o progresso e segurança do edifício de que concebeu a ideia e a geometria, Deus quer estar *pessoalmente* junto da sua obra, fortalecendo-a e instruindo-a — e tão desveladamente que, no Seu verbo, ao lado dos esquemas morais, surgem os planos legislativos, as estruturas indispensáveis à formação do grande universo religioso e civil que vai aparecer. Se *está* no espírito e na visão secreta dos Profetas, é aos Patriarcas — como organizadores dos futuros quadros sociológicos do mundo — a quem fala directamente. Noé, Abraão, Isaac, Labão, Jacob e Moisés tiveram o dom de escutar a Sua palavra, e também a Sua ira: *Agora deixa-me: que a minha cólera vai inflamar-se contra eles* (DEUT., IX, 14). Mas Deus não deixa de vir da eternidade ao tempo para entrar na vida do homem, para o conduzir, para o amar. Extaseado, o Salmo IX interroga: *Quid est homo, quod memores eius?* Deus conhece a luta angustiosa do proscrito do Éden para retomar uma posição menos grave na balança dos dons perdidos, de maneira que toda a benevolência divina ou gesto de graça para com ele, reveste-se de um significado teantrópico de recuperação.

Desenvolvamos o tema. «Uma religião revelada é condicionada pela acção *pessoal* de Deus no homem» (Serge Boulgakof, AGNUS DEI). Esta acção — quase sempre *oral* e só uma vez *visual*, na chama do Sinai — deverá ser compreendida como *vontade* de interessar o homem na obra do seu Organizador, a qual, por reversão objectiva, é a obra em que ele, criatura, propriamente existe. No entanto, fechada no círculo do Absoluto, onde foi gerada, essa obra apresenta-se de sentido bicêntrico: da Criação e da Salvação, pois na obra realizada na terra pelo Pai estava já implícita a hipóstase do Filho (*In principio erat Verbum. JOÃO, I, 1*).

Mas o espírito do homem, mesmo quando fluía entre a idolatria dos pagãos, procurava incessantemente o espírito do seu Criador. (E não seria o culto dos ídolos e de outros mitos circunjacentes uma forma bárbara de procurar Deus?). Videntes e Profetas representavam a personalização desta aspiração colectiva. Deus respondia por uma graça sofiânica que tornou singulares, entre outros, os nomes de Isaías, de Daniel, de Amós, de Zacarias, de João. Mais tarde, Jesus torna público este poder misterioso da Divindade quando adjurga os Apóstolos de iniciarem o seu missionismo no mundo e os esclarece sobre a intervenção do Espírito Santo para que eles possam pregar na língua própria de cada nação. (*Sed accipietis virtutem supervinientis Spiritus Sancti in vos. ACTOS, I, 8*).

A natureza humana, presa às suas carências e míserias ontológicas, esforçava-se por diminuir o abismo que a separava do Ser Supremo, a quem sentia dever existência e obediência. E a ascese nasceu, pedindo uma reconciliação depois da queda original. A voz da Revelação, que vinha do alto, correspondia a voz da Súplica, que vinha de baixo, — a voz da fé. Ao mesmo tempo, no despertar social dos povos, o cerceamento do direito aos bens individuais engendrava um protesto da razão, atinente a restabelecer o que o homem julgava ser para ele uma propriedade moral indivisível. E foi a fé que estabeleceu o recurso a uma instância superior de justiça, confiante em que aquilo que era justo lhe seria outorgado (*Justus autem ex fide vivit*. S. PAULO, Rom. I, 17). A força da crença produzia, assim, as primeiras leis de equilíbrio social.

Neste comércio com o Absoluto, o homem sofre da inibição que lhe é imposta pela sua própria condição de «coisa» terrestre. O esforço por vezes trágico de se transcender, cai no bátrato dos fenómenos impossíveis. Chega então a ideia escatológica de que viver é tomar consciência dos seus limites. Dos limites sem Deus. E a angústia da solidão metafísica inicia no homem a sua obra destruidora, converte-se num verme nefando, roendo nele, secretamente, todos os seus entusiasmos vitais. (O drama inconfessado do incrente está à vista. Apesar dos seus títulos públicos de felicidade, do seu brilho incomparável na ordem social, este «aconteci-

mento» interior produz uma indução negativa em todos os espaços da sua actividade espiritual).

Acontece, no entanto, que todas as vezes que o homem o merece, Deus não hesita em unir-se a ele de uma maneira especial, numa fuga meteórica de coabitación hipostásica com o elemento celeste que lhe foi insuflado no momento da criação — à Sua imagem e semelhança. É desta união que provém o aparecimento dos místicos, dos videntes, dos iluminados, a qual, no seu transe apocalíptico, parece guardar o sinal de um regozijo em que Deus pretende amar-Se no Seu próprio amor. Hallaj exultava: «Ó minha Santidade, Tu a um tal ponto Te manifestaste em mim que me parece que és Tu mesma que és em mim!»

bibRIA

A ideia da ascese no homem do recém-nascido universo teológico, leva-nos a retomar o ponto da erupção no tempo histórico da comunidade islâmica dentro da comunidade árabe, sendo esta, como é sabido, procedente do patriarca Abraão, na pessoa de Ismael, o filho erradio de Agar. *Sed et filium ancillae faciam in gentem magnum quia semen tuum est.* (GÉN., XXI, 13). A Arábia, constituída por uma variedade de populações moveiças, endurecidas no trato com uma natu-

reza sem comiserações, hostil, era um país de grande sede espiritual, como o era das águas frescas na esterilidade dos desertos. A vida sob as tendas, entre o silêncio dos areais e os céus estrelados, levava à meditação e à receptividade de toda a espécie de sortilégios. Alma predisposta às revelações do oculto. Desta forma, quando o Profeta surgiu com a sua doutrina da Divindade, em cada árabe surgiu também um agente aguerrido e apaixonado de Alah. Por um lado, o judaísmo cristão, contrariado no seu credo por uma assimilação difícil e barreiras idiomáticas, não chegara até ele. Por outro lado, o instinto místico do nómada procurava Deus sem ter quem lho revelasse. E a entrega foi imediata. Consequências: o pensamento corânico, (irradiando do conteúdo do *Ahl al-Kitab*), tomou rapidamente uma força expansiva e impugadora que o levou a transpor fronteiras e a incorporar-se noutros quadros geográficos do mundo.

No ano 21 da Hégira (612 d. C.), os árabes do califa Omar tomam a cidade de Alexandria. Os conquistadores, em contacto com este centro portentoso de cultura, recebem ali, talvez providencialmente, os mananciais humanísticos das escolas gregas de filosofia e cristologia a que estavam ligados, entre outros, os nomes de Filon, Orígenes e Plotino. Mais tarde, será através deste canal da cultura islâmica que o Ocidente receberá o precioso legado do classicismo helenístico.

Todavia, o Ocidente, ao mesmo tempo que iria servir-se dos conhecimentos científicos e culturais comunicados pelo invasor, começaria por repelir globalmente o dogma religioso do Islame sem pretender examinar previamente os elementos de similaridade ortodoxa, insertos na mensagem do Profeta.

Está fora do plano deste estudo (elaborado *in extremis* da sua oportunidade para não perder a próxima efeméride marial) querer relatar as vicissitudes pelas quais têm passado, no decorrer dos séculos, as relações (ou *modus vivendi*) entre cristãos e muçulmanos. Excluindo o judaísmo, que sempre se tem entrincheirado na imobilidade da sua doutrina (reparemos que a sua hostilidade sempre se tem manifestado pela força, pública ou secreta, de um capitalismo corruptor, e nunca por acção militar), os povos das duas crenças têm-se defrontado muitas vezes mais por interesses económico-políticos que propriamente por iracúndia dos antagonismos dogmáticos. Entre outros exemplos, poderemos citar o prélio sangrento de Guadalete, em 711, precedido da deslealdade dos filhos do godo Witiza, que em boa fé poderá considerar-se, antes de tudo, um acto de expansão política e não uma batalha de religião. A singular intervenção do emir Muça-ibne-Noçair neste acontecimento de tão profundas consequências, merece um reparo digno de ser meditado pelos comentadores ou apologetas da história: avesso a violências

que não se coadunavam com a natureza dos costumes do seu palácio tingitano, o representante da autoridade do califado de Damasco viu-se de súbito compelido a investir-se nas honrarias e desfrutes de uma conquista — que ele não tinha desejado. Na tremenda derrota dos cristãos em Alarcos, no ano de 1195, também outro exemplo se pode colher: o de um problema político embaraçante de Afonso VIII de Castela. Só a um exagerado racismo expansivo e ao desprevenido fanatismo daquelas épocas poderemos ir buscar razões para as contendas que dividiram os dois portadores apaixonados da mesma mensagem universal.

É sobrescrita pelo padre libanês (professor do Instituto Católico de Paris) Michel Hayek, esta confirmação oportuna: «Não é fazer política reconhecer o facto das devastações da política nos domínios de Deus, e de verificar que, apesar de algumas tentativas de compreensão, ainda demasiado isoladas, cristãos e muçulmanos continuam, neste mesmo domínio, a ser vítimas das suas próprias tradições medievais». Isto não quer dizer que os dois grandes agrupamentos religiosos do mundo persistam hoje, após o abalo renovador do Concílio, que tão profundamente modificou a imobilidade dos cânones eclesiais, na irredutibilidade dos princípios que levantaram entre eles, no passado, a fúria das Cruzadas e também da Guerra Santa. Sinais recentes dispõem-nos a afirmar que uma reconciliação está a

caminho. Para os consolidar tenhamos presente o testemunho do Corão, o qual desenvolve a doutrina das revelações em volta de uma síntese teológica em que Jesus é apresentado como o Verbo ou espírito (*aruh*) de Deus. Conclusão, com vistas aos tempos presentes: exércitos curiais de Roma e os aguerridos *mojahidin* devem, uns e outros, dar-se as mãos.

bibRIA

bibRIA

III

DE ABRAÃO A MOHÂMADE

UMA das personalidades mais extraordinárias do nosso tempo no campo das especulações religiosas entre a universalidade cristo-islâmica, Louis Massignon¹, exaltou sempre, como princípio culminante do seu arabismo confessional, a parte que o Islame tinha tomado no plano de Deus, ao lado da predestinação do povo hebreu e do futuro mundo cristão. *Nós fizemos um*

¹ Professor do Colégio de França, director honorário da Escola de Altos Estudos, presidente do Instituto de Estudos Iranianos, membro das academias reais de Afeganistão, da Bélgica, da Dinamarca, da Espanha, da Holanda, do Irão e da Suécia; das academias de Bagdad, do Cairo e de Damasco; da Academia das Ciências da U. R. S. S., etc. Filósofo, teólogo, sociólogo, arabista apaixonado, prodigioso erudito, escritor fecundíssimo (a sua bibliografia supera 600 títulos), grande cristão, místico. Faleceu em Paris em 1961, na noite de 1 de Novembro, como ele o tinha pedido a Deus — «para se encontrar com a alma de todos os Santos»!

pacto com Abraão e Ismael — proclama a voz de Alah (CORÃO, II, 19). Ora, as correntes profundas da espiritualidade laminar do autor das *Trois Prières d'Abraham, Père des Croyants*, que criaram nele um protótipo antológico, os argumentos exacerbantes do seu islamismo cristianizado, levar-nos-ão a meditar neste aspecto da causalidade teológica do povo do Profeta. Deus, com efeito, parece ter concentrado toda a Sua atenção, originariamente livre e incoacta, em ordenar, em medida da promessa feita ao patriarca de Ur e contra os desesperos de Mambré, em formar um grande povo da geração de Ismael através dos «doze príncipes» que sairiam da primeira progenitura de Abraão. Estes futuros chefes de doze tribos, fortes, ousados, independentes, iriam demonstrar serem bem os portadores da incisão do destino predito a Agar pelo anjo de Yahweh: «levantariam as mãos contra todos, a mão de todos se levantaria contra eles, os quais se tornariam insubmissos e errantes como o onagro.» Ainda hoje os dados caractereológicos da comunidade árabe a repõem no quadro ético daquela profecia do ciclo abraânico.

Este sentido ou significado de hospitalidade inefável com que Deus determina acolher um povo já inscrito no círculo teantrópico do cosmos, poderá ser considerado como a primeira das três vocações outorgadas à Nação de Ismael.

A segunda vocação nasce de uma transcendência epicêntrica, com raiz no sacralismo da pedra negra de

Kaaba, na qual a promessa feita a Abraão assume um testemunho de permanência indestrutível, monolítica. De todos os caminhos do deserto os nómadas acorrem a Meca, a Medina, a Hebron, túmulo do Patriarca, levando com eles, no regresso, os sinais de um culto incipiente mas duro e perseverante. Os planos de Deus executavam-se, deste modo, fàcilmente, visto que, no coração deste homem, a substância da fé tomava corpo com um ardor primitivo que tanto tinha de pureza como de ferocidade. O muçulmano tornou-se aqui, como agente da Divindade, mais veloz que o Judeu e mais hostil que o Cristão. Não é certo que a ideia das Cruzadas nasceu por oposição ao arranque militante e expansivo do Islamismo? Este, como uma centelha ainda actuante do Sinai, alastrou por todos os territórios, próximos ou distantes, que tinham escapado até então à penetração dos dogmas da Lei de Israel. Estava em marcha a doutrina do Terceiro Povo de Deus.

Mas no grupo humano originado pelo patriarcado de Ismael, uma terceira vocação aparece inscrita, determinante. O aviltamento moral das tribos, que se degladiavam entre elas, entregues a cultos sórdidos, menosprezando todo o comportamento com o bem e a pureza, suscitava uma recuperação salvífica. Ora, predestinado pela missão que lhe tinha sido confiada, não merecia este povo ser restabelecido nos foros da graça abraânica?. Vai incumbir ao filho de Abdalah o pri-

vilégio apostólico desta reintegração no Divino. O acontecimento modificará uma face do mundo oriental. Mohâmade, investido no papel de «enviado» de Deus, levantar-se-á, como Jesus, contra a eterna cáfila dos vendilhões, dos hipócritas, dos idólatras. Será o guerreiro e o místico. Os acampamentos enchem-se de armas, o espírito de orações. Ele legisla, define, convence, impõe. A doutrina «escritural» do Corão é um verbo de guerra. Pagãos e judeus são dizimados. Envia embaixadores aos persas, aos egípcios, aos romanos, intimando-os à conversão. Escreve ao imperador Heracleu:

A paz seja com aquele que marcha nos fachos da verdadeira fé. Venho chamar-te para o islamismo, solicitar a tua adesão. Faz-te muçulmano. O céu te concederá uma dupla recompensa. E se tu recusas de te submeter à minha religião, aparecerás aos olhos de Deus como culpável do crime dos pagãos. Ó cristãos! acabemos com os nossos diferendos. Não adoremos senão um Deus. Não lhe demos nenhum igual a ele. Só a ele concedamos o nome de Senhor.

E ao imperador da Abissínia:

Em nome de Deus clemente e misericordioso, Mohâmade, apóstolo de Deus, a Najashi Ashama, imperador da Abissínia, saúde.

Glória a Deus! ao Deus único, santo, pacífico, fiel e protector. Dou fé de que Jesus, filho de Maria, é o espírito de Deus e o seu Verbo. Deus o fez descer em Maria, virgem bem-aventurada e imaculada, e ela concebeu. Do seu espírito criou Jesus e animou-o com o seu sopro, assim como animou Adão. Por mim, eu te chamo ao culto de um Deus único, de um Deus que não tem semelhante, e que comanda todos os poderes do céu e da terra. Crê na minha missão. Segue-me. Entra no número dos meus discípulos. Eu sou o apóstolo de Deus. Depõe o orgulho do Trono. Eu te convido, a ti e às tuas legiões, de te aliares ao culto do Ser supremo.

Ao lado deste missionismo irrequieto, assimilador, o Profeta pretende preparar o seu povo dentro de formas rituais (a oração, o jejum, a abstinência e outras obrigações religiosas) que o conduzam a um baptismo espiritual de virtudes humanas e aos méritos absolutórios do evento inevitável da Parusia. Mas convém pôr ainda aqui em relevo, na ordem das observâncias penitenciais, a prática física e moral do jejum — a maior operação canónica dos regulamentos corânicos. Este exercício de devoção colectiva eleva-se a um tal grau de purificação sufragante que o mês do Ramadã, ou seja aquele em que o jejum tem lugar, é apelidado de *Char-Rullah*, o mês de Deus. Como acto de expressão sacrificial (sacrifício da fome e da sede e outras abstinências profanas), o cumprimento das suas prescrições tem por

fim — diz-nos o teólogo muçulmano Karmaly Hiri-djee — «enfraquecer até os destruir nas suas raízes a intensidade dos vícios, as tentações vis e o instinto satânico, cuja sobrevivência nos recessos profundos da sua alma seria para o crente uma vergonha perante o seu Criador». Estas directrizes, que estão na base dos fundamentos filosóficos do islamismo, dão uma visão particularmente ampla da essência espiritual desta religião de Deus, a qual seguirá na sua luta pela recuperação do homem até ao dia do Julgamento Final.

bibRIA

IV

VOZES REVELADORAS

COM seis séculos de apostolização universalista, o cristianismo do Oriente tinha penetrado no norte da Arábia e, ao longo do Hejaz, descera para o sul, polarizado pelo espírito de Yahweh, que as vozes do Antigo Testamento fixavam sobre aqueles territórios. Contactava com os nómadas e camelheiros das pistas da Ásia e encontrava no Ièmen as tribos judaicas das páginas do Pentateuco.

Oriundos destes mesmos territórios, os homens do Islame encontravam aqui os homens do Livro, aos quais se ligavam sem se hostilizar («Tu saberás que as gentes mais próximas daqueles que crêem, são, pela amizade, os que dizem: «Nós somos cristãos». SUR. V, 82).

Ficou com relevo no arquivo dos cronistas a famosa controvérsia que deu lugar à ordalia (ano de 631) entre o Profeta e uma deputação enviada a Medina pelos maiores de artes e ofícios dos cristãos monofisistas da cidade de Najran.

Entre outros factos históricos de solidariedade e reconversão inter-religiosa, é para mencionar o que se passou com um agrupamento de muçulmanos, os quais, tendo-se unido ao cristianismo, fizeram construir próximo de Meca uma casa de orações a que deram o nome de «Mesquita de Maria». Até no próprio recinto da Kaaba, conforme refere o historiador Al Azraki, teriam existido imagens de Jesus e de sua Mãe entre os ídolos que ali permaneceram até ao aparecimento de Mohâmade. Afirmava-se assim o impulso ancestral da Revelação comum aos dois ramos semíticos. E os exemplos afirmativos desta unidade — que seria laborioso de desgranar entre a multidão de factos e circunstâncias explicitivas — seguem-se, na sequência dos séculos, como expressão confraternal do sentimento de hospitalidade e acolhimento social que, nos costumes da comunidade islâmica, assume forma de rito santificante, visto que o trato da vida civil é intrinsecamente regulado pela prescrição religiosa.

Estas considerações levam-me a um curto afastamento marginal, a fim de destacar, valendo-me da oportunidade do motivo, este aspecto da sociedade muçulmana, onde, originariamente, o poder espiritual se

tornou inseparável do poder temporal, exercendo o Corão um estado de cidadania que converte o território nacional num território canónico. Os conceitos tradicionais sobre a organização da cidade civil, da *umma*, dependem mais das ideias teológicas que os orientam que dos fundamentos jurídicos. Em resumo, a sombra de Alah está presente no direito público dos muçulmanos como, nas nações ocidentais, a sombra dos regimes políticos.

É, pois, à luz destes princípios que devemos perspectivar o estatuto moral da *citê* islâmica, com vista à sua projecção exterior no campo dos acontecimentos históricos. E nesta correlação, deve-se ainda fazer ressaltar os elementos de benevolência e de afectividade de que todas as manifestações sociais e religiosas da actividade quotidiana estão imbuídas. Trata-se de uma cordialidade que ultrapassa a cortesia. É um selo do carácter comunitário do Islame e que serve para explicar os casos imprevistos de solidariedade com os próprios inimigos do estado ou «clã». São muitas vezes citadas as relações pessoais que, no ciclo das Cruzadas, os árabes mantinham com os exércitos francos. Mesmo entre eles, este carácter sobrepõe-se às hostilidades de raças ou seitas, evitando assim a fácil corrida às armas e ao atentado pessoal de que as outras comunidades raciais, em consequência do menor dissídio, fazem hoje o seu jogo trágico.

As linhas precedentes ajudam-nos a compreender melhor os sinais de predisposição fraternal e de paralelismo dogmático que alguns grandes mestres espirituais do nosso tempo se esforçam por detectar entre as nações do «hóspede de Deus» em proveito do Cristianismo. Os nomes destes mestres — o padre Charles de Foucauld, Louis Massignon e Asín Palacios, devem destacar-se. Uma coincidência: os três, embora desiguais no exercício eclesial, possuíam em comum as ordens sacerdotais. Já desapareceram na morte, mas a obra é viva, de perdurabilidade dialéctica e mística. De combate, de erudição, de verdade.

Quanto ao primeiro, Charles de Foucauld, a sua fé exortante de místico fez dele um gládio pauliniano, sempre em acção, junto dos muçulmanos do Saará, aos quais se entregava para morrer, e correndo este risco em troca da *cristianização* predicada, em troca do sangue com que o apóstolo desejava pagar o preço das conversões. Foi assassinado em Tamanrasset por um *targui*, executor de uma falsa delação. Atrás dele ficou uma obra escaldante de missionismo oral, de islamo-cristianismo. Do seu túmulo isolado num *bordj* do Hoggar — em cujas desolações desérticas paira ainda o clamor do neto convertido de Renan, o soldado Ernest Psichari —, o espírito de Deus, como na vida do eremita, continua a difundir uma chamada que cauteriza as almas irresolutas.

Na voz de Asín Palacios encontramos a mais alta expressão da cultura ibérica nos círculos da teologia islâmica. «Existem analogias e até identidades de doutrina e vida — ascética e mística — entre o Islame e o cristianismo. Como explicá-lo? Deve pôr-se de lado, antes de tudo, a hipótese (explicativa destas analogias) que se baseia na mera coincidência casual, pois trata-se de analogias tão típicas e em número tão grande que não podem ter nascido só da identidade de ideias e sentimentos religiosos, comuns ao fundo da psicologia humana (*El Islam Cristianizado*). A obra de investigação realizada pelo grande mestre espanhol (que os mais conhecidos arabistas admiram) permitiu-lhe descobrir na obra mística dos *sufis* numerosas sentenças atribuídas a Jesus, fundamentando deste modo a identidade da doutrina das duas correntes ascéticas. Estas passagens ou *logia* cristológicas atingiram o número de 233, publicadas com o acompanhamento da tradução latina sob o título *Logia et Agrapha Domini Jesu* (edições de Paris, Cambridge e Londres), seguindo-se-lhe o trabalho exaustivo acerca de Ibne Arabi de Múrcia, chamado *o filho de Platão*.

Sobre aquele místico, Asín Palacios elabora uma biografia cerrada, nutrida de copiosas transcrições que são, ao mesmo tempo, as mais significativas da matéria espiritual do autor do *Fotuhât*. Este, no que toca à sua posição psicológica e filosófica, a si próprio se retrata na seguinte passagem, referente à visita que

fez ao filósofo Averrois, na cidade de Córdoba: «Assim que eu entrei, levantou-se do lugar em que estava e, dirigindo-se para mim com grandes demonstrações de carinho e consideração, abraçou-me e disse-me: «Sim.» Eu respondi: «Sim.» Esta resposta aumentou a sua alegria, ao ver que eu o tinha compreendido. Mas, dando-me eu conta, em seguida, da causa da sua alegria, acrescentei: «Não.» Então Averrois entristeceu-se, mudou de cor, e começando a duvidar da sua própria doutrina, perguntou-me: «Como resolveis então o problema concernente à iluminação e inspiração divina? É por acaso o mesmo que, para nós, nos ensina o raciocínio?» Eu respondi-lhe: «Sim e não. Entre o sim e o não saem voando das suas matérias os espíritos e, dos seus corpos, o orgulho.» (trad. de A. Palacios, em *El Islam Cristianizado*).

Pertence a um comentador muçulmano a frase de que, na história do mundo, só há uma religião, mas com legislações diferentes. Para Ibne Arabi, as três religiões também não constituem mais do que uma única e mesma religião, evoluindo e adaptando-se, na essência, às condições acidentais do tempo e das determinações divinas. Os seus pontos de fé poderão ser examinados nesta outra passagem, traduzida por Palacios e inserta na obra citada: «Eu creio em tudo o que o judeu e o cristão crêem e em tudo o que de verdade há nas suas religiões respectivas e nos seus livros revelados, ao mesmo tempo que creio no meu livro revelado.

O Altíssimo disse (*CORÃO*, II, 285): «Os fiéis são todos os que crêem em Deus, nos seus anjos, nos seus livros e nos seus enviados. Não fazemos distinção entre nenhum dos seus enviados». E na verdade, o meu livro contém o seu livro e a minha religião a sua religião. Logo, a sua religião e o seu livro estão implícitos no meu livro e na minha religião.»

Mas não ficou por aqui, no insigne mestre «Don Miguel», o ingente afã de captação de qualquer sinal ou vestígio que viesse enriquecer o testemunho de analogias entre as duas culturas e credos religiosos. Voltando-se depois para o sentido oposto do cristianismo no Islame, esforça-se com o mesmo ardor, e também fecundidade, de investigar a influência do pensamento muçulmano no cristianismo ocidental. E, decerto, não foi sem alguma surpresa que, ante determinado público, mesmo de cultura geral, surgiram os nomes de S. Tomás de Aquino, Dante, Ramón Lull e Raimundo Martin, Pascal e o carmelita S. Juan de la Cruz, como tendo sido influenciados, em alguns aspectos místicos ou culturais, por aquele pensamento (ver *Huellas del Islam*).

E eis-nos diante de Massignon. Um homem a arder na fornalha de Deus. Firme, teimoso, apocalíptico. Quase um louco, quase um santo. Explodindo sabedo-

ria, orando sobre todas as pedras eucarísticas. Encontra-se com o saariano Charles de Foucauld, torna-se seu amigo, seu discípulo, seu irmão, vendo nele o inspirador do seu próprio destino. E parte para a grande aventura de uma vida longa, num tirocínio de experiências e colisões espirituais. A terra apresenta-se convulsionada, herética, como se fosse entrar no parto de uma nova palingenesia. O homem nega e desespera. Mas Deus está lá. Massignon vai procurá-lo. Inicia a sua corrida peregrinando por todos os lugares do orbe onde se tenha assinalado uma incursão do Divino. Vai a Bagdad por Hallaj; a Kerbela por Huçaín; a Damietta, no Egipto, por S. Francisco de Assis (contra-desafio dos cristãos ao Islame); a Éfeso, pelos Sete Adormecidos, e a Panaia Kapúli pela Assunção da Virgem; cinco vezes faz a viagem a Dulma para se debruçar sobre o túmulo da vidente Ana-Catarina Emmerich; vinte e oito vezes visita os lugares presenciais da Terra Santa, do circuito de Abraão e de Jesus; sobe, numa noite de Natal, após a sua conversão, aos píncaros nevados de La Salette para ali perscrutar as vozes que falaram a Mélanie; em Istambul e na Rússia procura os vestígios do Véu das Lágrimas de Maria; vai ao Japão para uma meditação claustral no Santuário do Isé e, finalmente, tem ainda tempo para correr à Cova da Iria, antes que a morte o levasse.

Como classificá-lo? É difícil. Louis Massignon libertou-se da sua inclusão na comunidade civil tradicional

para constituir um ante-tipo do *populus christianus* — próximo a surgir e integrado no «social».

Num questionário que lhe fora dirigido acerca de Deus, ele confessa-se, naquela precisão elíptica e imagística da sua frase: *O Estrangeiro que me tomou, no dia da Sua cólera, tal qual como eu sou, inerte na Sua mão como o réptil das dunas, perturbou, pouco a pouco, todos os meus reflexos adquiridos, todas as minhas precauções, e o meu respeito humano. Por uma reversão de valores, Ele transmudou a minha tranquilidade relativa de possuidor de miséria na pobreza. Por um regresso «finalista» dos efeitos para as causas, dos inter-signos para os arquétipos, tal como a maior parte dos homens não o realizam senão morrendo. E isso é para mim uma desculpa se, aqui, eu nada mais me proponho que procurar nas biografias dos místicos um vocabulário técnico d'«ersatz» para «entrar em presença» de Aquele que nenhum Nome a priori ousa evocar, nem 'Tu', nem 'Eu', nem 'Ele', nem 'Nós'...*

Esse, cuja beleza tornou ciumentos os Anjos, veio ao amanhecer e em meu coração pousou o Seu olhar» (PAROLE DONNÉE, 283).

Esta unidade da revelação de Deus nos livros santos da Bíblia e do Corão, mereceu ao teólogo maronita Michel Hayek, num impulso isento de qualquer secta-

risimo hostilizante, um trabalho de procura e compilação de textos árabes relatando os acontecimentos culminantes do Evangelho, desde o Anúncio a Zacarias até à Parusia, cuja magnitude e significado merecem ser postos em evidência. A recolha destes materiais (*Le Christ de l'Islam*), num número de trinta e duas transcrições, constitui um subsídio excessivamente corroborativo da tese que me empenho em defender aqui. Os trechos que arquivo a seguir, reflectem capazmente o pensamento compreensivo dos autores islâmicos com relação às figuras e doutrina do Cristianismo. Fixemos, pois, esta aproximação.

I. *Retrato de Jesus*: «Jesus comia pão de centeio e viajava a pé. Não se servia de montada, nem se alumia com qualquer lâmpada, nem se vestia de algodão, nem tinha comércio com a mulher, nem respirava o odor dos perfumes, nem misturava a água fosse com o que fosse, bebendo-a pura e sem torná-la mais fresca. Nunca perfumava os cabelos. Para dormir, nunca punha nada entre a sua pele e a terra dura, além da veste que usava. Jamais se preocupava com as suas refeições. Jesus não participava de nenhuma das cobiças deste mundo. Nunca guardava a comida de uma tarde para o almoço do dia seguinte, nem a do almoço para o jantar. Ele dizia que cada dia e cada noite trariam consigo as subsistências necessárias» (*Zabidi*).

II. *Julgamento Final*. «Logo que Jesus descerá, no fim dos tempos, ele confirmará a lei de Mohâmade e restaurá-la-á, visto que não haverá nenhum profeta depois do Profeta de Alah ou quem julgue segundo uma lei diferente da sua; esta lei é a última lei e o seu Profeta é o Selo dos Profetas. Jesus será um árbitro justo, pois nesse tempo já não haverá nem sultão muçulmano, nem *imã*, nem *caide*, nem *mufti*. Alah terá retomado a Ciência entre os homens. Quando Jesus descerá, ele saberá, pela ordem de Alah, recebida no céu, antes da sua descida, tudo o que lhe será necessário saber acerca de esta lei, a fim de poder julgar segundo os seus princípios, com relação aos outros homens e à sua prática pessoal. Os crentes se reunirão em sua volta e o proclamarão juiz sobre eles, pois não haverá então nenhum outro que seja mais apto que ele» (*Sha'raní*).

bibRIA

V

PARA A RECONCILIAÇÃO

«Sabeis certamente que o Concílio aprovou o esquema acerca das relações da Igreja com aqueles que pertencem às religiões não-cristãs.

Ali se reafirma que só há uma religião desejada por Deus: aquela que temos a ventura de praticar. Mas, ao mesmo tempo, ali se recorda também que nós devemos respeitar tudo o que há de bom e de verdadeiro nas outras religiões, e que devemos amá-las e manter boas relações com os seus fiéis. A lei da caridade estende-se e aplica-se a todos.

Nós próprios daremos hoje um exemplo rezando pelos não-cristãos.» Roma, Outubro de 1965. Alocução de S. S. PAULO VI.

ESTÁ fora de dúvida que as duas religiões mono-teístas trabalham em comum para uma convergência do homem no sentido da integração do seu valor

«criado» (humano, terrenal) no que, substancialmente, foi realizado por Cristo. E este apelo, esta chamada integracionista (que inquietou o coração de Pascal), que leva o homem a pôr o uso da razão e o sentimento das responsabilidades morais ao serviço do seu «duplo» — o homem espiritual —, induz-nos a ver neles o tema da «substituição» das graças recebidas pelas graças ofertadas. Forma devocional de agir autenticamente cristã, teremos que encará-la como um contra-ataque às posições dos Estados e Comunidades modernas, que se divinizam a si próprios em detrimento da dignidade «santificante» e da liberdade do homem.

Os pródromos desta ideia de «substituição» poderão buscar-se já nas formas explícitas de um certo antropologismo étnico e religioso recuado, quando o homem pré-islâmico matava simbòlicamente, em efigies desenhadas nas paredes das grutas, os animais que ele tinha o propósito de abater; ou, nos casos de doença, o acto em que se sacrificava o animal junto do enfermo, a fim de que, mediante os exorcismos mágicos então pronunciados, se substituísse o doente pelo animal e se «matasse» neste os achaques do primeiro. Na própria religião dos povos da Babilónia, o animal que se destinava a um tal uso era chamado «o *dinanu*, que queria dizer o *seu substituto* (Padre Orrieux, *Ephémérides islamo-chrétiennes*, 2, Paris).

A evolução do fundamento *cultural* destes costumes entrou na mística, alimentada pela ideia semítica do sacrifício, até que, nos nossos dias, se encorporou nos temas cristológicos. É o mesmo Padre Orrieux que afirma: «O tema da *substituição* é perfeitamente válido, e foi assim que Paulo o compreendeu a seguir ao acontecimento de Cristo».

Cabe ainda ao sábio fervente e ao místico que foi Louis Massignon (*um granito roçado por um relâmpago*. M. Zundel, Cairo) para, na sua lógica arrebatada de profeta, servir-se do antigo símbolo (não mito) e erguer novos pilares à sua vocação apostolizante. Nasce assim, com ele, o movimento apelidado «Al-Badaliya» (a substituição), cuja doutrina de penetração, de compreensão e de fraternidade, encontra o seu verdadeiro significado nesta inscrição oracional e intercessora, adoptada como símbolo: *Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem no Islame*. O lugar escolhido para o aparecimento (1934) desta comunidade espiritual, foi a cidade egípcia de Damietta (em atenção à ordealia em que S. Francisco de Assis se ofereceu a Fakhr Fasisi para a «prova do fogo»), assumindo a responsabilidade eclesial Monsenhor Pierre K. Medawar, arcebispo de Pelúcio. O desenvolvimento foi rápido, contando hoje com grupos sodalícios no Cairo, Alexandria, Beirute, Roma, Casablanca, Dacar, Jerusalém, e em Espanha, através da liga «Amigos del Oriente Islâmico» (Burgos e Biscaia). Situando-se nas

fronteiras comuns das duas religiões seculares, Massignon prescreve: «o nosso esforço tem por objecto realizar a vocação da minoria cristã árabe entre os seus irmãos muçulmanos; vocação secular, inacabada desde a orda-lia de Medina». E no texto doutrinal do pequeno regu-lamento estatutário: «...experimentamos de fazer en-contrar as nascentes vivas a este povo de excluídos, suprimidos da promessa do Messias como descendentes de Agar e que, na sua tradição muçulmana imperfeita, guarda preciosamente como que uma marca do rosto sagrado do Cristo que nós adoramos, de *Issa Ibn Ma-ryam*, que desejamos fazer-lhe redescobrir nele próprio, no seu coração. Nesta missão de intercessão por eles, na qual, sem descanso nem interrupção, pedimos a Deus a reconciliação destas almas que nos são caras, às quais nós nos desejamos substituir, *fil badaliya*, pa-gando o seu resgate em seu lugar e à nossa custa; é como suplentes da sua futura «incorporação» na Igreja que nós queremos assumir a sua condição; a exemplo do Verbo feito carne, em cada dia vivendo entre eles, misturando-nos às suas vidas, nós, baptizados, tal como o sal é misturado nos alimentos para lhes dar sabor».

Esta campanha conciliatória e recuperadora, opon-do-se igualmente ao egoísmo árabe e à sensibilidade cristã, penetra nas camadas culturais, no professorado, no livro. Um boletim espesso, documentado, vivo, di-

funde regularmente o ingente labor¹ dos participantes na nova cruzada incruenta, à escala do Vaticano II, entre os dois epígonos de Abraão.

Coincidindo com os objectivos islamo-cristãos da «Badaliya», o Concílio votou um esquema respeitante às religiões não-cristãs, de cujo preâmbulo se transcreve a seguir o texto pertencente aos Muçulmanos.

«A Igreja considera também com respeito os muçulmanos que adoram o Deus vivo e subsistente, criador todo-poderoso do céu e da terra, cujos decretos são algumas vezes ocultos, mas aos quais cada um deve submeter-se de toda a sua alma, como Abraão se submeteu a Deus, Abraão a quem a fé muçulmana se refere de boa vontade. Ainda que eles não reconheçam Jesus como Deus, veneram-no como um profeta e honram Maria, sua mãe virginal, e muitas vezes a invocam com devoção. Aguardam o dia do julgamento, em que Deus recompensará todos os homens ressuscitados. Enfim, adoram Deus pela oração, a esmola e o jejum; esforçam-se por levar uma vida moral, tanto individual como familiar e social, em obediência a Deus.

¹ A actividade múltiplice do prof. Louis Massignon é continuada pelo seu biógrafo e discípulo, o insigne e erudito P. Youakim Moubarac, titular da cadeira de árabe clássico no Instituto Católico de Paris, e redactor das *Ephémérides Islamo-chrétiennes*, *Abstracta Islamica*, *Antiochena*, *Encyclopédie Arabe du Christianisme* e *Calendrier Synoptique*.

«Se, no decorrer dos séculos, numerosas dissensões e inimizades se manifestaram entre cristãos e muçulmanos, o concílio exorta uns e outros para que, esquecendo o passado, se esforcem sinceramente por uma compreensão mútua e porque conservem e façam progredir conjuntamente, para todos os homens, a justiça social, os bens morais e também a paz e a liberdade.»

A adaptação das novas formas sociais e políticas, amadurecidas por uma natural evolução ontomorfológica do tempo, às preocupações quotidianas do «cidadão», criou neste o que se crê ser uma liberdade de espírito, mas que será melhor interpretar por uma aptidão das faculdades da consciência para lúcida-mente discernir sem a coacção de preconceitos antecipados. Por isso mesmo, ao contrário do que os pedagogos («A religião, como toda a ideologia, é um projecto». R. Garaudy, *De l'Anathème au Dialogue*) da ciência pós-social esperavam (a puramente social encontra-se já marxisticamente ultrapassada), esta nova espécie hominal, despojada de «heresias» conceptuais mas também vazia do interiorismo nativo que a alimentava, em vez de atingir os cumes anunciados pela depuração técnica, lança-se nos abismos do naufrago que, em plena vitalidade, não deseja sucumbir às consequências removíveis de um puro «acidente».

Estejamos desenganados: como, perspicaz, carregado de dialéctica e «sobrenaturalidade», afirma o

russo Serge Bulgakof, já atrás citado, — o homem não é absolutamente nada diante da Face Divina. E esta posição desdobra a sua validade desde a incombustão dos sarçais do Monte Sinai até às forças apocalípticas libertadas pelo cérebro de Einstein. Mas ele pode ser absolutamente tudo, movido por uma potência imensurável que se manifesta sob a terrível dissimulação das coisas pequenas ou simples: no ninho de uma ave, no riso de uma criança ou no gesto de um gigante que morre osculando um crucifixo.

É essa Potência Imensurável, mestra e factora da super-civilização espiritual que se aproxima, depois da catástrofe do mundo em pedaços, caldeado em cinzas redentórias, que os homens-operários das nações de Isaac e de Ismael, presentes na *Badaliya*, tomam como fulcro do seu insano trabalho de reconquista unitária a favor dos povos dispersos e excluídos do Crescente e da Cruz, no afã de concorrerem para a livre manifestação da vocação religiosa das minorias cristãs existentes entre os seus irmãos muçulmanos. Labor de muitos e labor de alguns que merecem ser citados para além das letras vazias do cenotáfio: professor Louis Massignon, e os padres eremitas Charles de Foucauld e Albert Peyriguère, grandes sacerdotes de Deus.

bibRIA

VI

FÁTIMA, ÚLTIMA ALIANÇA?

DEPOIS das perspectivas em que, resumidamente, foram focados o aparecimento e desenvolvimento das duas religiões de Deus e a penetração lateral de alguns dos seus dogmas, tornam-se imediatas no meu espírito determinadas reflexões (que integram, afinal, o objectivo último destas páginas) acerca do significado, entendido à universal, da «descida» aos ásperos torroais da Iria, volatizando-os em graças supra-terrestres, da pre-eleita Nova Eva, puríssima receptáculo do Espírito Santo desde a hora *anunciada* pelo Anjo, da Auroreante, da Insigne, da Altíssima *Dei Genitrix*.

Já no contexto de todas as adjunções paralelas àquelas perspectivas, ficou explícita a preeminência de

um Espírito Absoluto, acima da personalidade dos seres vivos, para o qual transitam as aspirações do homem na sua dupla natureza — aqui sòmente considerado dentro dos limites teológicos das duas comunidades sociais. Ora, o desdobramento do Divino faz aparecer o Filho do Homem — «consubstancial ao Pai» por hipóstase do Logos em Maria. Maria hierarquiza-se assim como mulher e passa a ser mãe sem ter comunicação com o pecado original, assumindo sobre todas as mulheres criadas e incriadas uma posição ascendente e inultrapassável. Engendradora de uma nova humanidade, Maria, Nova Eva, será diferente da esposa de Adão, a qual concebe por colaboração de outrem, vinda do exterior, e que será obra de Carne, enquanto que Maria conceberá por um singular fenómeno interior, individual, vindo do Espírito, e de que ela se tornará escrava espontânea e aceitante não carnal (*Quod natum est ex carne, caro est. et quod natum est ex spiritu, spiritus est.* JOÃO, III, 6). Sobre a pedra de ara deste acontecimento hipostásico, iria erguer-se a coluna granítica da força marial, jamais derrubada. Tornada criatura celeste, após a ascensão do Filho, Maria abre sobre a terra — que, com Ela, deixa de estar só — as graças de um coração ininterrupto.

No acontecimento desta *nova* humanidade, criada pela sua maternidade sem coito, Maria vai empregar toda a sua acção celeste a devolver à terra, numa medida sem proporção, os dons que dela recebera, os quais,

valorizados pela intervenção do Pai, assumiram em poder beneficiante a grandeza de miríades de astros sem espaço e sem fim. Neste grau de excelsitude, todos os seus atributos vão prodigalizar-se com o fim de assegurar junto do homem, queimado do pecado, a graça redentorial conquistada pelo Sacrifício do Filho. Sem retaliações. Sem Orgulho. Só com Piedade. No boletim da *Badaliya* (Carta n.º 10), Massignon ensina-nos a ver nela a sua dupla face humana: *Le visage de Marie, pour nous, c'est celui de l'inclinée, suppliante, de la Servante du Seigneur, qui se juge indigne de tout, inutile, la Vierge de la Transcendance, de la Présentation au Temple, voilée pour toujours du Voile de l'Humilité, et de la soledad.*

É ainda o mesmo mestre das claridades metafísicas que no-la comunica, que no-la oferece aos nossos olhos penitenciais sob o nome de *Notre Dame du Voile*, com que a liturgia oriental gosta de a invocar, devido à sua aparição, mil anos atrás, em Constantinopla, estendendo, em lágrimas, um véu sobre a cidade, a fim de a proteger contra o paganismo dos Russos. Por estas lágrimas, que banharam a sua imagem, existente na basílica do palácio Blachernes, foi chamada, na Turquia, Nossa Senhora das Lágrimas. Na Rússia, retomou o nome de N. S. do Véu sob o seu equivalente de Nossa Senhora do *Pokrov*, venerada até à revolução marxista na catedral de S. Basílio, no Kremlin. Em Éfeso, é adorada com João e Maria Madalena, ligados à pre-

sença da cripta dos Sete Adormecidos, sob a invocação de *Theotokos* (a mãe de Deus), tendo sido esta designação (convém recordá-lo) comunicada ao nosso bispo de Leiria, a fim de ser gravada na igreja bizantina da Cova da Iria. E para continuarmos, seria quase impossível estabelecer uma geografia espiritual dos lugares do orbe em que os sofrimentos, as perversões e os desesperos da alma humana têm solicitado a sua dádiva cicatrizante e presencial de *Consolatrix Afflictorum*.

No âmbito dos espaços cronológicos mais recentes, três arcos de círculo assinalam, na geometria do infinito, a intercepção do transcendente no espanto das realidades terrestres. Maria, inefável, cordialíssima, solidária com o humano, visita o «seu povo» (diálogo com Mélanie) em La Salette, depois em Lourdes e, finalmente, em Fátima. E as manifestações alarmantes surgem: oceano de consciências dilaceradas e estupefactas rolando para os degraus da súplica e da espera intervencionista, fazendo cerrar os dentes à dúvida do ateísmo dialéctico. Há exemplos gritantes: La Salette arrasta Huysmans, o endemoninhado pesquisador do *Là-Bas*, à conversão; e Alexis Carrel confessa-se vencido perante a gruta do Gave. Quanto a Fátima, ela é a razão deste ensaio.

Chamo agora a atenção do leitor para estes dois pontos:

a) Maria, de novo escolhida, Emissária apotrópica da vontade apocalíptica (e também salvífica) de Deus, rompe o silêncio que foi o véu em que sempre escondeu a vida de Aquela em cujo seio o Verbo se fez carne, para estabelecer com o mundo, num dom que parece frutificar das graças da sua feminidade, a promessa das últimas alianças;

b) O lugar em que, por forma inusitadamente clamorosa, esse facto cósmico se manifestou, surge inesperadamente ante a surpresa das comunidades religiosas cristo-islâmicas, revelando o nome de Fátima — apelidação sacralizante, tomada como prefiguração de Maria na estirpe do profeta corânico.

Por conseguinte, e em primeiro lugar, o sentido que se extrai desta «coincidência» é demasiado claro e significativo para que se lhe retire a força real, existente no seu oculto profetismo. Com a localização geográfica da Mensagem Fatímica, o céu quis remover os marcos dos limites separatistas entre os irmãos-inimigos da mesma fé inicial, e, implicitamente, atrair (decerto) a atenção das nações para um povo tornado epicentro de um estremecimento universal. Em segundo lugar, e com relação ao ponto primeiro, fácil é descobrir que estamos à vista de um novo acto da inenxaurível *Mater Salvatoris* convocando os homens a um arrependimento ou à destruição (*Eu vos irei entre-*

gando, um a um, ao fio da minha espada. ISAÍAS, LXV, 12).

É o conteúdo deste tema que deverá levar-nos a reflectir. Porquê as Aparições? Porquê o céu se rompe e o oiro vocalizado de uma voz etérea, e a forma corporal mais cegante, mais perfeita depois da outra, modelada na argila do Éden, descem, facultam-se, e enchem de assombro o território dos homens? E estarão estes mudos, recuados à fossilização da besta primária, para, ante a perplexidade e o espanto, não acorrerem à chamada da potestade espiritual que se revela?

Em La Salette fremem as palavras de ansiedade: *Si mon peuple ne veut pas se soumettre, je suis forcée de laisser aller le bras de mon Fils.* E Maria chora, perturbada pela renúncia dos que não querem escutar e pelos cataclismos que Ela sabe que irão próximamente eclodir. Léon Bloy, convertido e irado contra a dissolução daquele tempo, redige o libelo *Le Symbolisme de l'Apparition* e exclama: «Entre as coisas humanas existem duas coisas perfeitamente humanas e perfeitamente inefáveis: o Sangue de Jesus-Cristo e as Lágrimas de Sua Mãe». Ora, conjecturando este transe,—já alguém pensou na possibilidade inenarrável de ver Maria chorar? Não se desmoronarão montanhas, a terra não se fenderá e não recuarão os oceanos perante a incomensurabilidade despedaçante das lágrimas de Aquela que, no júbilo do Paraíso, ressuscitou depois

do Filho e com o Filho coabita em triunfo maternal na glória do Pai? Pois isto aconteceu. Aos homens, mulheres, crianças e velhos que se têm criado na agrura fatídica das lágrimas, eu direi: Maria, filha do Céu, e que em Fátima se tornou Nossa Senhora de Portugal, — chorou em La Salette!

O ciclo histórico encurta-se. Junto da gruta de Mas-sabielle, Bernadette Soubirous, pobre filha da terra áspera em que vive, frágil, doente, lírio branco entre matagais insalubres, recebe a Nova Mensagem, que é ainda uma promessa abraânica, em palavras comina-tórias de salvação. Como elemento «garante» da veracidade celeste, o jorro líquido brota das veias do humus, onde a chaga, a dor, a gangrena, se diluem, se quei-mam para se transfundirem em saúde, em pão euca-rístico que renova a carne macerada. O implacável egocentrismo da ciência flecte e aponta, através do sábio Dr. Alexis Carrel: *Pelo menos, o que seria justo fazer saber é que os doentes, em Lourdes, curam-se por uma maneira surpreendente.* A maneira «surpreen-dente» é a realidade intacta daquela veracidade a que aludi.

Estamos em Fátima. Um incêndio, uma aurora, uma catástrofe. Negar-se-á a primeira, negar-se-á a segunda, negar-se-á a terceira proposição. Negar-se-ão

todas. Mas emergentes na inexorabilidade das coisas temporais, ficarão, sem que ninguém possa ocultá-los: o sinal do Céu e os argumentos opostos de uma civilização anti-hominal a mover-se, entre esplendores dramáticos, para o seu Fim. (E não será teologicamente aceitável que o acontecimento da Parusia esteja a ser cientificamente preparado no trabalho secreto dos laboratórios?).

Desde as setenta mil testemunhas que naquela manhã outonal de mil novecentos e dezassete, mal seguras no lodaçal movediço que a chuva tinha causado, mas de cabeça lúcida e bem firme, viram o disco solar despegar-se da sua base ígnea e ziguezaguear no espaço como um brinquedo de cartão, destruindo em alguns minutos de espanto tudo o que está previsto pelas leis inamovíveis da física convencional, até aos dias de hoje, — que dizer do borborinho humano que tem deseído as fragas a procurar na sombra evocada da velha azinheira (e a carrear para ela) os símbolos confiantes das vidas que crêem, que sofrem e que adoram? E porquê em Fátima e não em qualquer outro lugar do orbe? Apresenta-se, inegavelmente, como tema a considerar, a identidade subjectiva com outras aparições anteriormente manifestadas. Porém, em Fátima, ocorre a circunstância, já desenvolvidamente exposta, de Maria desejar encontrar-se com a presença — ainda que sòmente onomástica — da filha do Profeta. (Os indícios confirmam a hipótese).

Separemos, no entanto, para melhor entendimento, aquelas incidências, embora significativas sob o aspecto relatado. Colocada na balança das decisões celestes, a Aparição de Fátima não poderá medir-se com nenhuma outra, pois, como em nenhuma outra, a força do espírito sagrado que a envolve fecha com ela a última cadeia do arco profético. Fátima está carregada de símbolo: será a Última Aliança. A destruição do Templo de Jerusalém assinalou o fim das alianças bíblicas. Com Cristo — Novo Templo, anúncio da Nova Jerusalém — iniciou-se a revalidação das promessas ancestrais. Ora, Maria, mãe carnal de Cristo mas filha espiritual do seu Corpo, aparece-nos, por isso, como o Mensageiro mais digno para interpretar talvez as últimas e mais graves advertências do Filho. *Que o pecador continue a pecar, e o que está sujo continue a sujar-se; que o homem de bem viva ainda no bem, e que o santo continue a santificar-se. Eis que o meu retorno está próximo, e comigo levo o salário que quero pagar a cada um, em proporção do seu trabalho* (APOC. XXII, 11-12).

E porventura levantamos nós — o país, as nações, o mundo — os olhos para os sinais do alto, numa epiclesse colectiva às forças superiores, de apoio a uma resolução firme e imediata de se transformar o morticínio, o ódio, as batalhas da inversão moral e a crueldade do poder adquirido, numa regra obrigatorial de amor, de solidariedade, de justiça; não distribuindo ao «clã» o que

pertence ao ecúmeno, não dando ao renegado o que pertence ao justo, não engrandecendo o tolo em detrimento do idóneo? Verdadeiramente, não. Logo, ao refluxo da graça generosamente prometida, respondem os sinais de uma precariedade desarmante, isto é, os nossos sinais, os do Homem da Mentira (*os cobardes, os depravados, os impuros, os assassinos, os idólatras*. ID. XXII, 15), já prèviamente julgado.

Mas não seremos nós capazes, nestes momentos da vida perigosa da terra, de operar a transmutação do «horror» em «amor»? Simone Weil apresenta-nos como exemplo desta transmutação a tipicidade dos casos de Maria Madalena e do Bom-Ladrão. Fátima, no mesmo transe de Compaixão, pode ser a vontade de Deus, pronta a aceitar a operação da substituição remissória.

É aqui que detectamos o papel de Maria, não podendo deixar-se de aceitá-La como encarnação daquela vontade e, por isso mesmo, a insistir, dentro de uma tal prerrogativa missional — grata certamente ao Seu coração de *Mater* fidelíssima —, no apelo cruciante aos povoadores do orbe. Mas a terra responde mal, fazendo assim malograr a confiança de Deus. Em La Salette, a Virgem das lágrimas insondáveis, grandiosa e patética, aponta a Mélanie o satanismo dos tempos próximos: «A fé de Deus será esquecida e cada indivíduo quererá guiar-se por si mesmo e ser superior aos seus semelhantes. Os poderes civis e eclesiásticos serão abo-

lidos, a ordem e a justiça calcadas sob os pés; não se verão senão homicídios, inveja, mentira e discórdia, sem amor pela pátria nem pela família.» Do lado terrenal, Léon Bloy apostrofa: «Zombam de La Salette mas Deus sabe sob que pés imundos e sangrentos esses risos serão abafados amanhã».

Cento e vinte e um anos decorreram já — um segundo apressado na mão de Cronos — sobre o acontecimento «visível» e incontestável, relatado pelos videntes de Corps. Na prisão do Universo, o homem, crendo-se em permanente vivência turística (logo, por conta de outrem, que, neste caso, é o Senhor Diabo, explorador interessadíssimo da grande agência da «viagem»), desce com grande ruído e títulos oficiais para os últimos escalões da degradação moral. (Neste momento, no parlamento de um país europeu, é proposto que seja admitido pela lei o casamento incestuoso!). Renovando em Lourdes, pelo milagre da Sua presença, aquela «palpitação do coração de Deus» de que fala Jean Hellé, nos termos da Mensagem de que foi portadora, Maria surge finalmente em Fátima, surge em Portugal, na imagem real da Sua pessoa santificada, *órgão dinâmico do Espírito Santo*, como a considerou Sheeben, ansiosa de estabelecer, num apressamento angustioso e determinativo, a Última Aliança — e última porque todos os indícios e predições indicam que assim é.

Ora, diante desta fórmula rogatória, que inclui um prenúncio escatológico irremissível (não se refere o texto da Mensagem Secreta a um fim catastrófico do cosmos?), que fazemos nós, fariseus de todas as classes, impando da glória falaz do transitório, altivos e incoerentes (que nos negamos a pôr o nome de Deus sobre a carta dos direitos civis), escravos ou libertos (o homem nunca é um ser livre na honra teológica de servir), dispersos nos bares, no antropologismo nudista das praias, nas explosões técnicas da morte-próxima; —que fazemos nós para respondermos ao aviso celeste?

Por outro lado (e talvez mais gravemente), onde irrompeu já o tufão eclesial, a fim de retomar o sopro dos condutores bíblicos pela palavra e pelo gládio? De resto, não será para o homem o combate a sua maneira (apostólica) de viver?

Ah! sim: *Veni Domine Jesu!* (APOC. XXII, 20).

DISSE.

Í N D I C E

bibRIA

	Pág.
INTRODUÇÃO	13
I	
APARECIMENTO DO ISLAME	27
II	
O HOMEM E DEUS	35
III	
DE ABRAÃO A MOHÂMADE	45
IV	
VOZES REVELADORAS	51
V	
PARA A RECONCILIAÇÃO	63
VI	
FATIMA, ÚLTIMA ALIANÇA?	71

bibRIA

Este livro foi composto e impresso na
Gratelo-Soc. Gráfica do Restelo, Lda.,
Av. da Ilha da Madeira, 22-C, para a
Parceria A. M. PEREIRA, LDA.,
Rua Augusta, 44 a 54 - Lisboa,
e concluiu-se em Abril de 1967.